

## O HOLOCAUSTO E A TOLERÂNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ARENDT, RAWLS E WALZER

### *THE HOLOCAUST AND TOLERANCE: AN ANALYSIS FROM ARENDT, RAWLS AND WALZER*

Artigo recebido em 26/08/2016

Revisado em 26/08/2016

Aceito para publicação em 14/09/2016

#### *Franciane Hasse*

Mestranda em Direito pela Faculdade Meridional - IMED, em Passo Fundo-RS. Especialista em Direito Processual Civil pelo Instituto Catarinense de Pós-Graduação - ICPG, em Blumenau (2009). Especialista em Direito Empresarial e dos Negócios, pela UNIVALI, em Itajaí-SC (2013). Graduada em Direito pela Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (2008) e graduada em Sistemas de Informação pela mesma universidade (2003). Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Civil e Direito Processual Civil. Professora titular da disciplina de Direito Processual Civil V - Procedimentos Especiais e professora substituta das disciplinas de Direito Processual Civil II - Processo de Conhecimento e Direito Processual Civil IV - Processo de Execução, do curso de Direito da UNIDAVI e da disciplina de Legislação e Ética, do curso de Sistemas de Informação, da UNIDAVI. Coordenadora da Escola Superior de Advocacia (ESA) - Subseção de Rio do Sul, da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Santa Catarina. Conselheira Suplente da Subseção de Rio do Sul, da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Santa Catarina. Advogada OAB/SC.

#### *Marilyn Soares Sperandio*

Mestranda em Direito pela Faculdade Meridional - IMED, em Passo Fundo - RS. Bolsista CAPES/PROSUP. Membro do Kathársis - Centro de Estudos em Direito e Membro Efetivo da Rede Brasileira Direito e Literatura - RDL. E-mail: [mss.marilyn@gmail.com](mailto:mss.marilyn@gmail.com)

**RESUMO:** O Holocausto foi um dos maiores acontecimentos históricos contra a humanidade, onde milhares de seres humanos, em sua maioria, judeus, foram escravizados, torturados e por fim exterminados. Quem sobreviveu a uma época com tanta crueldade teve sequelas físicas e/ou psicológicas, sendo poucos os que conseguiram expressar o que ocorreu dentro dos campos de concentração e guetos. No entanto, ainda que tenha sido um momento cruel na história da humanidade, o presente artigo relata que existem outros “Holocaustos”, isto é, as incessantes crueldades que ocorrem diariamente ao redor do mundo e acabam por ser omitidas. O ponto principal tem como base a tolerância, ligada aos princípios da dignidade da pessoa humana e da solidariedade, acerca das lições que o Holocausto trouxe aos

indivíduos e à sociedade de um modo geral. O método utilizado para a elaboração desta pesquisa é o indutivo e a técnica de pesquisa foi a bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Holocausto. Tolerância. Justiça Social.

**ABSTRACT:** The Holocaust was one of the greatest historical events against humanity, in which thousands of human beings, mostly Jews, were enslaved, tortured and finally killed. Those people who survived a period with such cruelty had physical and/or psychological consequences and only a few of them were able to express what happened at the concentration camps and ghettos. However, although it has been a harsh time in the history of humanity, the present paper reports that there are other “Holocausts”, that is, continuous cruelties that happen around the world daily and turn out to be omitted. The main point of this paper relies on tolerance, linked to the principles of the dignity of the human person and solidarity, about the lessons the Holocaust provided people and society as a whole. The method used in the development of this research has been the inductive approach and the research technique, the literature review.

**KEYWORDS:** Holocaust. Tolerance. Social justice.

**SUMÁRIO:** Introdução. 1 Origens do Holocausto. 2 Os problemas que causaram o Holocausto. 3 Quais foram as lições do Holocausto em relação à tolerância? Uma análise com fundamento em Arendt, Rawls e Walzer. Conclusão. Referências.

## INTRODUÇÃO

O Holocausto, em hebraico *Shoá*, ocorreu durante o século XX durante a Segunda Guerra Mundial, sendo considerado um dos maiores crimes contra a humanidade. Um grande massacre contra os judeus e outras minorias, que perpetuou durante muito tempo. Após décadas, o Holocausto ainda é matéria de discussão em todo o mundo, não se esgotando o assunto a ser tratado, seja em artigos científicos, obras literárias, intelectuais e filmes.

O mundo tinha conhecimento dos acontecimentos que ocorriam na Alemanha, e por algum tempo omitiu-se diante desses fatos. O governo nazista era populista, e assim sendo, detinha grande apoio popular. Além disso, não era fácil lutar contra um regime ditador, onde quem o enfrentasse, sofria graves consequências, até mesmo a condenação à morte.

No presente estudo, discorre-se sobre as origens do Holocausto e quais foram os povos atingidos, além dos judeus. Seres humanos que foram levados aos campos de concentração e

guetos, onde permaneciam confinados e eram obrigados a trabalhar de forma escrava, os que não podiam trabalhar, eram mortos.

Entrando na questão humanitária, desvendam-se quais foram os problemas que causaram o Holocausto. Ainda, de forma concisa, expõe-se sobre o “Holocausto brasileiro”, sendo que, naquele caso, 60 (sessenta) mil seres humanos foram exterminados, e, em plena atualidade, traz-se, brevemente, a questão da imigração, situação igualmente cruel, onde povos arriscam suas vidas para encontrar um lugar em que possam viver com dignidade, tudo em razão das recentes guerras sucedidas em seu território.

Por fim, trata-se das lições do Holocausto com uma linha de pensamento por meio da tolerância, com fundamento em Arendt, Rawls e Walzer. A crítica reside em analisar quais são as lições do Holocausto em relação à tolerância, baseado nos autores antes citados, tentando-se compreender os fatos que se sucederam naquele dramático período da história da humanidade, acontecimentos estes com tanta crueldade contra seres humanos e tantas omissões. Em meio a tanta crueldade há de serem encontradas lições para as presentes e as futuras gerações.

O trabalho será elaborado através do método indutivo e a técnica de pesquisa a bibliográfica.

## 1 ORIGENS DO HOLOCAUSTO

O Holocausto – a morte, injusta e bárbara, de milhares de seres humanos. Entre esses indivíduos, encontravam-se crianças, homens, mulheres, idosos, ciganos, deficientes físicos e mentais, e eslavos (poloneses, russos e de outros países do leste europeu), povos perseguidos por seus comportamentos, como os Comunistas, Socialistas, Testemunhas de Jeová e homossexuais<sup>i</sup> que sofreram intensamente, sendo algumas dessas pessoas cruelmente assassinadas, simplesmente por Desejo de Poder, perseguida pelo alemão Adolf Hitler e os nazistas.

Os nazistas tinham o intuito de destruir o próximo para gerar uma sociedade com bases étnicas e raciais – um padrão ideal e fechado de povo alemão, que não permitia a inclusão ou a simples (co) existência daqueles indivíduos considerados diferentes e fora dos padrões raciais nazistas, no seio da sociedade alemã do Terceiro Reich (HERF, 2014, p.13). Segundo os nazistas, o extermínio desses povos seria a solução para criar uma sociedade perfeita, a raça ariana<sup>ii</sup>.

"Holocausto" é uma palavra de origem grega, que significa "sacrifício pelo fogo". Após as crueldades com os judeus e as demais minorias antes citadas, o significado da palavra Holocausto pode ser construído como: o genocídio em massa, aniquilação de seres humanos que são considerados estranhos à ordem natural (raça superior), a perseguição e extermínio sistemático, seguindo métodos científicos.

Decorrente da chegada ao poder na Alemanha em janeiro de 1933, os nazistas acreditavam que eram "racionalmente superiores" e o que os judeus eram "inferiores", sendo uma ameaça à autointitulada comunidade racial alemã<sup>iii</sup>. Em tempos de guerras, conflitos e revoluções, o holocausto foi uma das épocas mais marcantes, e tristes, da história da humanidade.

O poder de manipulação que os nazistas exerciam sobre a população era extremamente dominante. Muitos ainda julgam que a ideologia nazista girou em torno do antissemitismo por acaso, e, que desse acaso, nasceu a política que inflexivelmente visou a perseguir e, finalmente, exterminar os judeus (ARENDDT, 1979, p.22).

Para melhor entendimento, o início da missão contra os judeus iniciou com o que chamavam de "solução da questão judaica", que surgiu através de leis que de imediato pareciam inofensivas, porém, ao longo do tempo, foram agravando-se; a primeira lei, era que "todo judeu era obrigado a registrar-se como tal", a segunda lei, foi no sentido de que "todo judeu deveria mandar carimbar em seus documentos de identidade a letra "J", inicial da palavra Jude (judeu, em alemão)". Em seguida, a terceira lei consistia que, "todo judeu deveria usar uma estrela de David, confeccionada em tecido amarelo, costurada em sua roupa na altura do coração"; assim continuou: "todo judeu era proibido de sair à rua após às 19 horas".

Todo judeu dono de um estabelecimento comercial deveria colocar um aviso em letras garrafais amarelas: 'ESTABELECIMENTO JUDEU'. E as leis discriminatórias continuavam sendo promulgadas: "a todo judeu era proibido entrar em lugares públicos, tais como cinema, teatro ou parque", os direitos dos judeus praticamente não existiam mais, porém, as leis continuaram: "era proibido que entrassem nas escolas nas quais não-judeus também estudavam", e até mesmo: "saiu a proibição de um judeu empregar funcionário não-judeu, e mais, muito mais" (DYMETMAN, 2011, p. 18).

Os judeus eram considerados seres invasores, "Hitler insistia que os judeus eram uma raça e não uma religião, ao afirmar que eles se disfarçavam como uma comunidade religiosa para serem tolerados", quando, na verdade, "formavam um Estado dentro do Estado, fazendo de tudo para evitar a exogamia, o que preservaria, assim, sua pureza racial". Assim,

proclamavam que os judeus “não tinham um Estado próprio nem uma cultura”, e, através de seus atos “corrompiam e destruíam a cultura dos outros”<sup>iv</sup>. Os alemães nazistas possuíam como “princípios fundamentais a missão de ‘embelezar’ o mundo”, consideravam que determinados indivíduos não faziam parte daquela sociedade, ou seja, “na ótica nazista, a miscigenação e a degeneração o teriam transformado em ruínas” e tão somente com novos ideais, a Alemanha voltaria a “florescer novamente”. Contudo, o nazismo “desenvolveu um imenso aparato propagandista, ideológico e repressivo tanto para doutrinar e enquadrar os membros da Comunidade do Povo”, quanto para “discriminar aqueles que não se encaixavam ao modelo ideal” (HERF, 2014. p.14), deixando de possuir seus direitos como cidadãos.

O plano dos nazistas nada mais era do que ter uma sociedade alemã ideológica, todavia, os judeus não se encaixavam nessa ideologia, logo, os nazistas precisavam resolver o problema de alguma forma. Inicialmente, o plano não foi do extermínio em massa, apenas um método de retirar da sociedade povos que não tinham as mesmas características que queriam, após o início do plano, é que entenderam que a solução seria o extermínio dos judeus<sup>v</sup>.

Os judeus viviam no leste europeu antes da Segunda Guerra Mundial, e após a invasão da Polônia pela Alemanha em 1939, iniciou-se um verdadeiro tormento a estes povos, sendo mais de dois milhões de judeus poloneses submetidos ao controle alemão. Em junho de 1941, devido à invasão da União Soviética, outros milhões de judeus também foram submetidos ao controle nazista. A intenção dos alemães era controlar a população judaica, forçando-os a residir em guetos e cerca de pelo menos 1.000 guetos foram criados nos territórios ocupados. O maior dos guetos encontrava-se em Varsóvia, a capital polonesa, e nele, quase um milhão de judeus foram confinados<sup>vi</sup>.

Os nazistas construíam os guetos e os campos de concentração para todos que considerassem inimigos, “dentre os vários inimigos da Alemanha Nazista, indubitavelmente, o judeu foi o mais odiado” (HERF, 2014. p.15). Os nazistas, e até mesmo os fascistas, enviavam os judeus a esses campos de concentração; aos poucos, em cada um dos campos, o número foi aumentando, chegando a ficarem superlotados.

No depoimento de Primo Levi, o autor e ex-prisioneiro, relata sobre a chegada ao campo e como tinham que agir. A primeira coisa que aprendeu foi a doutrina: “que o primeiro mandamento do homem é perseguir seus intentos por meios idôneos, e que quem erra, paga”. Ainda, em seu relato, expressa que “não poderia deixar de concluir que tudo o que nos aconteceu foi rigorosamente certo”<sup>vii</sup>.

Os nazistas iniciaram a “exterminação dos judeus privando-os, primeiro, de toda sua condição legal” e logo em seguida “separando-os do mundo para juntá-los em guetos e

campos de concentração”. Assim, precavendo-se, “antes de acionarem as câmaras de gás” verificaram que “nenhum país reclamava aquela gente”, então, comandaram “uma condição completa de privação de direitos antes que o direito à vida fosse ameaçado” (ARENDDT, 1979, p. 329), concretizando-se a morte de diversos seres humanos.

Ainda, importante mencionar que o dinheiro e os objetos de valor pertencentes aos judeus eram subtraídos em favor dos alemães. Os judeus não possuíam mais qualquer tipo de influência perante a sociedade em que viviam<sup>viii</sup>.

Anos antecedentes ao final da Guerra, nazistas alemães enviaram milhões de judeus para os guetos e campos de concentração, com exclusiva finalidade de extermínio desses povos, através de instalações de gás, para que não houvesse chances dos prisioneiros serem libertados, fato que culminou nas chamadas “marchas da morte”, que permaneceram até o dia 07 de maio de 1945.

Posteriormente, as forças armadas da Alemanha renderam-se aos Aliados Ocidentais, porém as forças soviéticas proclamaram seu “Dia da Vitória” em 09 de maio de 1945. Após o fim, em 1948 e 1951, cerca de 700.000 sobreviventes emigraram da Europa para Israel, Estados Unidos e outras nações, como o Brasil. Em 1957, o último campo para deslocados de guerra foi fechado<sup>ix</sup>.

A solução final processou-se em três etapas, se assim podem ser chamadas as fases das crueldades contra os judeus, que atingiram suas vidas de todas as formas, tanto econômica, social, psicológica e até mesmo chegando ao seu extermínio<sup>x</sup>. Um tempo de desumanidade que é de “fato uma tragédia judaica”. Embora os judeus, não tenham sido a única população submetida a ‘tratamento especial’ pelo regime nazista”, onde cerca de “seis milhões de judeus estavam entre as mais de 20 milhões de pessoas aniquiladas a mando de Hitler”.

O Holocausto causou imenso dano social no “auge do desenvolvimento cultural humano”, que se processou de maneira cruel contra a humanidade (BAUMAN, 1998. p. 12). O idealismo dos nazistas não chegou ao fim “como as vítimas temiam e como os nazistas esperavam”, mesmo com tantas mortes e atrocidades, felizmente não conseguiram efetivar a total exterminação dos judeus e demais seres humanos, pois até “mesmo a mais perfeita das organizações apresentam falhas, e a Alemanha de Hitler, sobretudo nos últimos meses antes do colapso, estava longe de ser uma máquina perfeita”.

Porém, “muitas provas materiais dos extermínios em massa foram suprimidas”, ainda, para terem mais eficácia, no “outono de 1944, os nazistas explodiram as câmaras de gás e os fornos crematórios de Auschwitz, mas as ruínas ainda existem” (LEVI, 2004. p. 10), como as lembranças dos sobreviventes que jamais foram apagadas.

Seres humanos que passaram por experiências dramáticas, pela falta de tolerância, onde quem “tinha o poder” considerava-se superior aos demais seres humanos, tal relação que poderia ter como base apenas o “respeito mútuo” sendo uma das “atitudes que contribuem para a tolerância” (WALZER, 1999. p. 69) com a conseqüente igualdade entre os povos, não teria tido um resultado tão cruel como se seguiu ao longo dos anos.

## 2 OS PROBLEMAS QUE CAUSARAM O HOLOCAUSTO

Conforme as passagens mencionadas no item primeiro deste artigo, os movimentos nazistas ocorreram através de acontecimentos políticos do século XX, entre os anos de 1933 e 1945, que colocaram “o povo judeu no centro do turbilhão de eventos”, conjuntamente com a estrutura do Terceiro Reich, tendo como fenômenos a “questão judaica e o anti-semitismo”. O Holocausto foi um período no qual “todo cidadão tinha que provar que não era judeu ou descendente de judeus” para não ser condenado e assim, prosseguiu-se com o genocídio em massa, “crime até então desconhecido em meio à civilização ocidental” (ARENDRT, 1979 p. 20).

O termo “Anti-semitismo” é entendido como um “ressentimento contra os judeus”<sup>xi</sup>, que determinados indivíduos possuíam. As relações sociais tinham um aspecto de hostilidade antissocial que se confrontava com os judeus, tornando a vida destes, alvo de crueldades e práticas violentas. O anti-semita não era apenas quem manipulava por obrigação, mas também quem fazia por escolha, sendo “um homem que tem medo” - não dos povos judeus, “mas de si mesmo”, que fez todos os tipos de absurdos contra os judeus pela “sua consciência”, ou até mesmo pela “sua liberdade” ou “de seus instintos, de suas responsabilidades, da solidão, da mudança, da sociedade e do mundo” (SARTRE, 1995. p. 35-36).

Importante destacar um problema que está além da explicação do Holocausto pelo anti-semitismo. O Holocausto foi um “acontecimento sem precedentes”, teve características que não podem ser comparadas “com outros massacres, não importa quão sangrentos, praticados contra grupos previamente classificados como estranhos, hostis ou perigosos”, contudo, é um acontecimento que marcou a vida de milhares de pessoas, mas o “anti-semitismo não pode ser responsabilizado pela singularidade do Holocausto”, pois a questão é que “está longe de ser óbvio que a presença do anti-semitismo, reconhecidamente uma condição necessária da violência antijudaica, possa ser vista como sua condição suficiente” (BAUMAN, 1998. p. 52-53), existindo, portanto, outros problemas que são responsáveis pelo ocorrido.

Existem fatores que permitem a compreensão de que os mecanismos que causaram o Holocausto “podem ainda estar entre nós, à espera de uma oportunidade”, isso condiz apenas com suspeita, na qual permite verificar que se houve “condições que um dia deram origem ao Holocausto não foram radicalmente transformadas”, simplesmente porque, se houve “algo em nossa ordem social que tornou possível o Holocausto em 1941, não podemos ter certeza que foi eliminado desde então”<sup>xii</sup>.

A título de exemplo, recente evento ocorreu no Brasil, não precisamente na mesma proporção que sucedeu contra os judeus, porém, não deixa de ser um crime contra a humanidade. O caso ocorreu em Barbacena, no Estado de Minas Gerais, no “Hospício – chamado de campo de concentração: Colônia, onde cerca de 60 mil pessoas foram torturadas e exterminadas”. Por suas razões, foi chamado de “Holocausto Brasileiro”<sup>xiii</sup>.

Em pleno século XXI, o mundo presencia crueldades contra seres humanos, os Imigrantes<sup>xiv</sup>. O número de migrantes internacionais alcançou a marca de 244 milhões em 2015 – um aumento de 41% em relação ao ano 2000, segundo informações do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA). Dentro desta cifra, 20 milhões são refugiados. Milhares de imigrantes tentam atravessar o mediterrâneo, e muitos perdem suas vidas<sup>xv</sup>, muitas vezes sem a menor chance de chegar ao seu destino, mas arriscam a procura de uma melhor condição de vida.

Essas duas outras formas de crueldade contra a raça humana são apenas maneiras de demonstrar, além do Holocausto judeu, até onde o ser humano é capaz de agir ou de omitir condutas. Por isso foram expostas em meio ao contexto deste estudo.

Retornando ao Holocausto, durante a Segunda Guerra Mundial, BAUMAN (1998. p. 110-111), aponta especial relevância a dois fatos relacionados ao Holocausto que não podem ser negados ou descartados pela consequência do “trauma pós-Holocausto”, o primeiro em relação aos processos ideativos que efetivaram o genocídio e o segundo, que representa a ineficiência do processo civilizador.

De acordo com o que o autor expõe os dois fatos são: Primeiro, processos ideativos que por sua própria lógica interna podem levar a projetos de genocídio e os recursos técnicos que permitem a sua efetivação, não apenas se revelaram plenamente compatíveis com a civilização moderna, como foram condicionados, criados e fornecidos por ela.

O Holocausto não só, misteriosamente, evitou o choque com as normas e instituições sociais da modernidade, mas foram essas normas e instituições que o tornaram factível. Sem a civilização moderna e suas conquistas mais fundamentais, não teria havido Holocausto. Segundo, mostraram-se ineficazes todas essas redes intrincadas de controle e equilíbrio,

barreiras e obstáculos que o processo civilizador erigiu e que, como esperamos e confiamos, nos defenderiam da violência e coibiram todas as forças superambiciosas e inescrupulosas. Quando chegou a hora do assassinato em massa, as vítimas se viram sozinhas (BAUMAN, 1998. p. 110-111).

Os movimentos nazistas consistem em instrumentos totalitários, através de acontecimentos políticos, sociais e até mesmo econômicos, gerando o “bom senso utilitário das massas”. As fábricas de extermínio produzidas pelos “nazistas e bolchevistas” demonstram a “solução mais rápida do problema do excesso de população, das massas economicamente supérfluas e socialmente sem raízes”, porém, servem de “atração e uma advertência” (ARENDR, 1979, p. 510-511).

Há quem defenda que os problemas que causaram o Holocausto foram puramente políticos, ou, pelo simples Poder em manipular os povos, ou, questão econômica, cultural, étnica e até mesmo moral. Mas nada pode levar a tamanha crueldade quem tem em sua essência sentimentos de humanidade, que prese por uma sociedade em que a liberdade se consubstancia no direito de fazer tudo o que não cause dano aos outros, cujas respectivas limitações indicam o campo de liberdade individual determinados por lei (MARX, 1989. p. 24), aspirando-se que a que a igualdade entre os seres humanos prevaleça.

Em que pese o poder político tenha sua importância em uma sociedade, há de existir equilíbrio para que tudo funcione de forma correta, onde o indivíduo tenha sua liberdade de escolha, por suas origens e culturas, fazendo parte de um projeto da vida social em que há delimitações através das normas e também estejam aparentes as pretensões com o devido reconhecimento mútuo (HONNETH, 2009, p.30)

Portanto, há consideráveis diferenças entre a democracia e o totalitarismo, sendo que na democracia os “partidos políticos competem pelo poder e lutam para pôr em prática um programa” que é “talhado por uma ideologia”, já no que confere ao totalitarismo é “exatamente análogo à oficialização política de uma igreja monolítica única” (WALZER, 1999, p. 106), sem dar oportunidade a outras opções de pensamentos.

Os indivíduos foram influenciados a acreditar que o totalitarismo era a forma de governo certa a comandar uma sociedade, assim, o movimento totalitário deu fim às ilusões dos países democráticos para conseguir atingir o seu ideal<sup>xvi</sup>.

Os próprios judeus e indivíduos que sofreram as crueldades não se revoltaram de maneira efetiva contra oficiais e soldados que executavam os serviços, os judeus não tinham opções, trabalhavam de forma escrava, sofriam abusos, eram humilhados, ameaçados, espancados e por fim, exterminados. Talvez, um dia, através da psicologia, seja possível

descobrir uma explicação plausível para o fato de que milhões de seres humanos se deixaram levar, sem resistência, às câmaras de gás, embora essas leis nada venham a explicar senão a destruição da individualidade (ARENDDT, 1979, p. 506).

Há organizações capazes de expressar sua autoridade, principalmente, quando se trata de esclarecer casos de violações de direitos humanos. Em determinados casos, tenta-se corrigir por meio de sanções econômicas ou até mesmo através de intervenção militar. O que se tem como base são os princípios tradicionais de “justiça entre povos livres e democráticos”<sup>xvii</sup>.

Por sua vez, a igualdade de condições que “embora constitua o requisito básico da justiça, é uma das mais incertas especulações da humanidade moderna”, ou seja, “quanto mais tendem as condições para a igualdade, mais difícil se torna explicar as diferenças que realmente existem entre as pessoas” (ARENDDT, 1979, p. 76). No entanto, deve-se observar cautelosamente os próprios pensamentos e modos de agir, aplicando como base fundamental a tolerância com o outro.

Com o fim da Guerra e o início da “libertação”, os judeus precisaram reconstruir novamente a sua moradia, suas vidas e sua dignidade, para que assim, pudessem continuar em seus caminhos, buscando forças para amenizar todo o sofrimento que lhes foram causados.

Mesmo que a sociedade não seja um ambiente totalmente justo, cada indivíduo deve manter atitudes que condizem com o bem comum, tolerando determinados âmbitos sociais e preservando princípios que geram um equilíbrio. “O mais importante é manter o respeito mútuo entre os povos” (RAWLS, 2001, p. 81).

O que não se pode admitir é a desistência. Há de se formar uma sociedade em que os indivíduos lutem por uma justiça equânime, sem distinções, construindo o mundo através do ensinamento e acreditando que é possível tornar um lugar justo de se viver. Um exemplo da fé nem um futuro promissor, pode ser o que Anne Frank escreveu em seu diário

É incrível que eu não tenha abandonado todos os meus ideais, já que parecem tão absurdos e pouco práticos. Mas me agarro a eles porque ainda acredito, a despeito de tudo, que no fundo, as pessoas são boas. Para mim, é praticamente impossível construir a vida sobre um alicerce de caos, sofrimento e morte. Vejo o mundo ser transformado aos poucos numa selva, ouço o trovão que se aproxima e que um dia irá nos destruir também. E, mesmo assim, quando olho para o céu, sinto de algum modo que tudo mudará para melhor, que a crueldade também terminará, que a paz e a tranquilidade voltarão. (FRANK, 2013. p. 365-366)

Uma reflexão esperançosa, escrita em momento de extrema fragilidade, dor e incertezas.

### 3 QUAIS FORAM AS LIÇÕES DO HOLOCAUSTO EM RELAÇÃO À TOLERÂNCIA? UMA ANÁLISE COM FUNDAMENTO EM ARENDT, RAWLS E WALZER

A importância de estudar tal assunto, refere-se à compreensão dos fatores que tornaram possíveis o Holocausto e de que, infelizmente, “não teve nada que pudesse evitá-lo”, sendo assim, “só por essas razões já seria necessário estudar as lições do Holocausto” e isso é visto através de um “tributo à memória de milhões de seres trucidados” que nada mais é do que “um acerto de contas com os assassinos”, e, além disso, “a cura das feridas morais ainda abertas das testemunhas passivas e silenciosas”, porém sabe-se que “não é a garantia suficiente contra a volta dos assassinos em massa e de espectadores indiferentes” (BAUMAN, 1998. p.111).

As lições do Holocausto talvez não tenham sido totalmente efetivadas até o presente momento, todavia, hoje já são analisadas as “formas de coexistências” de modo que “a proximidade da diferença, o encontro diário como a alteridade, nunca foi tão amplamente sentida” (WALZER, 1999, p. 10), e isso é que faz o ser humano progredir para um Estado de Direito, onde todos são tratados com igualdade e liberdade, buscando o respeito à diversidade, sensibilizando-se para a convivência e o respeito às pessoas, pois, nada tem um ponto de vista absoluto, deve-se permitir uma conduta de respeito aos demais, e, porque não dizer, ao seu semelhante.

No entanto, cada indivíduo deve buscar o seu ideal com base em suas concepções políticas comuns, para ligar as suas crenças mais amplas e abrangentes. É neste sentido que Rawls expõe: uma sociedade será bem ordenada pela teoria da justiça como equidade enquanto (1) os cidadãos que defendem as doutrinas abrangentes razoáveis aceitarem que a teoria da justiça como equidade forneça o conteúdo para seus julgamentos políticos e que, (2) doutrinas abrangentes não razoáveis não possam obter suficiente autoridade para comprometer a justiça social das instituições de base (RAWLS, 2000. p. 361).

Esta é uma maneira de se representar a sociedade bem ordenada que parece melhor e não utópica, cuja maior pretensão é constituição do bem comum, a pluralidade de direitos e deveres para que assim conquiste a equidade social. Trata-se de uma sociedade bem ordenada, cujo sentido é a perpetuação de uma “[...] associação auto-suficiente de seres humanos que, como um Estado-nação, controla um território determinado”, e para que isso ocorra, a comunidade precisa “se expandir no tempo, ao longo de gerações sucessivas” e, que “procuram reproduzir a si mesmo, bem como sua vida social e cultural, de maneira quase

perpétua”, podendo até mesmo considerar que a sociedade bem ordenada é “um sistema fechado” (RAWLS, 2000. p. 361).

Os indivíduos de uma sociedade bem ordenada “se consideram como pessoas morais e iguais”, com duas características bem peculiares, a primeira faculdade seria “a capacidade de agir a partir de um senso da justiça” e, a segunda “a capacidade de formar uma concepção do bem, e buscá-lo racionalmente” (RAWLS, 2000. p. 92).

O Holocausto trouxe na perspectiva das vítimas determinadas lições, uma delas é a “discordante insuficiência da racionalidade como única medida da eficiência organizacional”, porém, essa lição ainda não tem um parecer absoluto pelos cientistas sociais, então, o que é levado em consideração é o “avanço na eficiência da ação humana, atingido graças à eliminação de critérios qualitativos, incluindo as normas morais raramente pensando nas consequências” (BAUMAN, 1998, p. 177).

A modernidade e o Holocausto constituem uma ordem normativa que “preservam condições de paz social e segurança individual”, através do processo histórico, observam-se discussões acerca do cenário pré-civilizatório que traça uma linha divisória arbitrária entre a “norma e a anormalidade”. Trata-se de uma lição sobre a necessidade de tratar de forma séria e crítica o modelo teórico do processo civilizador, de forma a incluir sua tendência a degradar, censurar e deslegitimar as motivações éticas da ação social. (BAUMAN, 1998. p. 47-48).

É imprescindível avaliar a evidência de que o processo civilizador é, entre outras coisas, um processo de despojar a avaliação moral do uso e exibição da violência e emancipar os anseios de racionalidade da interferência de normas éticas e inibições morais. Como a promoção da racionalidade à exclusão de critérios alternativos de ação, e em particular a tendência a subordinar o uso da violência a cálculos racionais, foi muito reconhecida como uma característica da civilização moderna, fenômenos como o Holocausto devem ser reconhecidos como resultados legítimos da tendência civilizadora e seu potencial constante. que mais precisamente traça o processo da ação social com a supressão das violências civis e dos atos irracionais.

As desigualdades apresentam-se de diversas formas, podendo ser brevemente citadas duas: *i*) a desigualdade social é mais sentida pelos menos favorecidos, em se tratando de uma sociedade nacional liberal não podem chegar ao ponto de não terem meios suficientes de ter uma vida com liberdade, de forma razoável e digna que são os pontos principais de uma sociedade que preze pela justiça equânime. Quanto maior for a distância entre o indivíduo, maior será o tratamento desigual, ou seja, serão tratados como inferiores; *ii*) a desigualdade de poder, o poder em si, não é de forma individualizada o grande problema, o que ocorre que

deve ser mudado é o abuso desse poder, não utilizando para o benefício comum e sim, se auto privilegiando.

É preciso que haja a melhoria das relações pessoais, independente da cultura ou sociedade em que estejam aplicando em todos os regimes, a tolerância é a base fundamental para oferecer condições de possibilidades de um convívio pacífico. Não há dúvida de que as relações pessoais que atravessam fronteiras culturais seriam melhoradas se as pessoas avançassem para além da tolerância mínima que as descrições gráficas da intolerância visam a produzir. Isso, porém, se aplica em todos os regimes. Em qualquer um deles, o sucesso político depende de boas relações pessoais (WALZER, 1999, p. 18-19).

Para que se tenha igualdade, é necessário haver bom senso e cooperação entre os indivíduos, chegando mais próximo do que pode ser chamado de tolerância que nada mais é do que “um valor essencial e uma conquista da humanidade” (ZAMBAM, 2015. p.146), através de acordos e contratos pré-estabelecidos que contenham em sua base a solidariedade.

Por conseguinte, parece que as lições do Holocausto têm características que envolvem a tolerância, estando as mesmas presentes nos ensinamentos de Arendt, Rawls e Walzer. Em Walzer, estabelece-se a “descrição histórica e contextualizada da tolerância e da coexistência, que examina as diferentes formas que estas assumiram na realidade e as normas do dia-a-dia próprias de cada uma delas” (WALZER, 1999, p. 5), portanto, pode-se considerar que uma das lições do Holocausto é a reflexão sobre a sociedade moderna, sendo fundamental “dar ao grupo como um todo, uma voz, um lugar e uma política própria” vendo que a luta “não é pela inclusão, mas uma luta por fronteiras”, e assim, a “palavra de ordem dessa luta é ‘autodeterminação’, que implica a necessidade de um pedaço de território ou pelo menos de um conjunto de instituições independentes”, com isso, é estabelecida a “descentralização, a devolução, a autonomia, a divisão, ou a soberania” ((WALZER, 1999, p. 112), concedendo um espaço apropriado para todos os povos.

Por sua vez, Rawls expõe o significado de tolerar no sentido de reconhecer as “sociedades não-liberais como membros participantes iguais, de boa reputação, na Sociedade dos Povos, com certos direitos e obrigações”, contudo, os povos têm o “dever de civilidade, exigindo que ofereçam a outros povos razões para os seus atos adequadas à Sociedade dos Povos”. No mais, afirma que “as sociedades liberais devem cooperar e dar assistência a todos os povos com boa reputação”, pois “se exigisse que todas as sociedades fossem liberais, então a ideia de liberalismo político deixaria de expressar a devida tolerância por maneiras aceitáveis (se existirem, como presumo) de ordenar a sociedade” (RAWLS, 2001. p. 77).

Dessa forma, reputa-se como lições do Holocausto, uma visão de que uma “comunidade política bem concebida, geralmente é para o bem da sociedade”, e que ocorre de uma forma benéfica para que possam “as pessoas desenvolverem as suas competências e os seus talentos diferentes e complementares e se envolverem em sistema de cooperação social mutualmente vantajosos” (RAWLS, 2000. p. 326). Mesmo que “a igualdade plena possa estar ausente”, porém a “igualdade pode ser razoavelmente proposta ao fazer reivindicações diante de outras sociedades” (RAWLS, 2001.p. 91).

Por fim, a posição de Arendt traz a ideia de que em “certo momento essa tolerância pode desaparecer, substituída por uma decisão de liquidar não apenas os verdadeiros criminosos” e sim, o alvo podem ser “todos os que estão ‘racialmente’ predestinados a cometer certos crimes” e isso é decorrente da “máquina legal e política, refletindo na sociedade” que vem a ser “transformada pelos critérios sociais em leis a pregarem essa necessidade de libertação social do perigo em potencial”, mesmo que se estabeleça o “código legal”, pois, se liberto “o homem de responsabilidade pelo crime tornado igual ao vício, ele será o mais cruel e desumano do que as leis normativas, mesmo que severas, pois estas respeitam e reconhecem a responsabilidade do homem por sua conduta” (ARENDR, 1979, p. 102-103).

Assim, percebe-se que as lições do Holocausto com fundamento na tolerância são abrangentes, sendo inevitável relatar as diversas formas de posicionamentos, agregando assim, uma melhor compreensão sobre o assunto, percebendo-se que a intolerância ocasiona atitudes assombrosas por parte dos intransigentes. Afinal, ninguém é superior a ninguém. Não existe raça superior, o que deve existir, tão somente, é o respeito mútuo entre os povos. A propósito, segundo Walzer (1999, p. 60), tolerar alguém é um ato de poder e o respeito mútuo é uma das atitudes que contribuem para a tolerância, assim, se Hitler tinha o Desejo de Poder, talvez deveria ter sido tolerante em relação aos povos, aí estaria a chave para o seu sucesso e seu tão almejado “Poder”.

## CONCLUSÃO

O Holocausto, ainda nos dias atuais, é motivo de diversas indagações, pesquisas e escritos, e não há dúvidas que geram repulsa os fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, não possuindo justificativas plausíveis para compreender as atrocidades cometidas contra os seres humanos, judeus e demais minorias massacradas. O regime totalitário

executou todas as suas forças contra a humanidade, e isso causou grande sofrimento para toda a sociedade, e, nos tempos contemporâneos, é motivo de grande angústia.

Os judeus eram considerados seres humanos desprovidos de direito na época, mesmo possuindo riquezas e sendo povos estáveis na sociedade, contudo, nada impediu que os alemães cometessem as crueldades e injustiças, seguindo um regime totalitarista que manipulava a sociedade com o objetivo de executar o plano de extermínio daqueles que, segundo os nazistas, não pertenciam à “raça superior”.

De toda a atrocidade, restaram as lições, aprendizados estes amalhados a grande custo, por meio da dor e do sofrimento de pessoas inocentes, que nada fizeram para merecer o destino obscuro que lhes foi posto. A mais importante das lições, é a tolerância, o respeito mútuo que deve haver nas relações pessoais. A propósito, para haver justiça social, é necessário que todo indivíduo sobreviva com dignidade, e mais do que isso, que o ser humano seja solidário com o outro. Sem tolerância e respeito mútuo, não se conquista uma sociedade equânime.

Em tempos modernos, sabe-se que há muito ainda para aprender-se, mesmo com tantos acontecimentos históricos que demonstram a crueldade do ser humano, estes não foram suficientes para que se respeite o seu próximo, muitos ainda abusam do “poder”, levando os semelhantes à degradação humana, fato que ainda se reflete na sociedade atual.

O que se busca é uma nova mentalidade, entender e compreender os fatos passados para consolidar uma nova educação humana, para plantar nas futuras gerações as lições que trouxeram estes grandes, e infelizes acontecimentos históricos, esperando-se que haja uma mudança social e que a sociedade se torne um lugar justo de se viver, onde se levante a bandeira contra a intolerância e, mais do que isso, que além de levantar-se a bandeira, que se pratiquem atos contra o extremismo. As lições do Holocausto, com fundamento em Arendt, Rawls e Walzer, fazem com que todos os seres humanos reflitam sobre a necessidade de tolerância.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Título original: The origins of totalitarianism Renovado 1979 por Mary McCarthy West. Published by arrangement with Harcourt Brace Jovanovich.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**; tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1998.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto**: Crime contra a humanidade. São Paulo: Ática, 2007.

DIAS, Rodrigo Francisco. (Professor). **Parágrafo 175** (2000). Disponível em: <http://rodrigohistoriaeemp.blogspot.com.br/2015/06/sugestao-de-filme-paragrafo-175-2000.html> . Acesso em 13/06/2016.

DYMETMAN, Michel. **Anos de lutas**: Relato de um sobrevivente do Holocausto. Printed in Brazil: 2011.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Tradução de Ivanir Alves Calado. 20ª Edição – Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

HERF, Jeffrey. **Inimigo judeu**: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Tradução Walter Solon. – São Paulo: EDIPRO, 2014.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral; Tradução Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LEVI, Primo (1919-1989). **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos e as penas, as impunidades. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 2º ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2004.

\_\_\_\_\_. **É isto um homem?**; Tradução Luigi Dei Re - Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MARX, Karl. **A questão judaica**. Tradução Artur Morão. LusoSofia: press. 1975; foi revista e reeditada em 1989.

NAÇÕES UNIDAS. **Em meio ao aumento de mortes, especialista da ONU pede que países europeus repensem políticas migratórias**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/em-meio-ao-aumento-de-mortes-especialista-da-onu-pede-que-paises-europeus-repensem-politicas-migratorias/>. Acesso em 07/07/2016.

\_\_\_\_\_. **Número de migrantes internacionais chega a cerca de 244 milhões, revela ONU**. <https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu/> . Acesso em 07/07/2016.

RAWLS, John, 1921. **Justiça e democracia**; Tradução Irene A. Paternot: seleção, apresentação e glossário por Catherine Audard – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **O direito dos povos**; Tradução Luíz Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SARTRE, Jean Paul. **A questão judaica**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ática, 1995.

TAHA, Abir. **Nietzsche, o profeta do Nazismo**: o culto do super-homem revelando a doutrina Nazista; tradução Caroline Furukawa — São Paulo: Madras, 2007.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Enciclopédia do Holocausto: Holocausto.** Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>. Acesso em 13/06/2016.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Holocausto: Um Local de Aprendizado para Estudantes.** Disponível em: <https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007706>. Acesso em 13/06/16.

WALZER, Michael. **Da tolerância.** Tradução Almiro Pisetta – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZAMBAM, Neuro José. **Introdução à teoria da justiça de John Rawls.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

## Notas

<sup>i</sup> Devido à opção sexual, os homossexuais também foram perseguidos. Para os alemães nazistas, estes estavam fora dos padrões que eles desejavam. As mulheres que se comprometiam a mudar o seu comportamento eram “salvas” enquanto os homens, para os nazistas, não tinham mais “cura”. O documentário LGBT Parágrafo 175 é um filme distribuído no ano 2000, realizado por Rob Epstein e Jeffrey Friedman, e narrado por Rupert Everett. O filme descreve as vidas de vários homens e mulheres que foram aprisionados pelos Nazistas acusados de homossexualidade, a legislação sobre sodomia do Código Penal Alemão, datada de 1871. DIAS, Rodrigo Francisco. (Professor). **Parágrafo 175** (2000). Disponível em: <http://rodrigohistoriaeemp.blogspot.com.br/2015/06/sugestao-de-filme-paragrafo-175-2000.html>, acesso em 13/06/2016.

<sup>ii</sup> Não há dúvida de que Hitler considerava os arianos Super-homens, a “Raça Mestre” da profecia de Nietzsche; o ariano, ou nórdico, foi o homem superior em espírito e biologia, em beleza e intelecto, em moral e perfeição física. TAHA, Abir. **Nietzsche, o profeta do Nazismo: o culto do super-homem revelando a doutrina Nazista;** tradução Caroline Furukawa — São Paulo: Madras, op. cit., p. 101.

<sup>iii</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Enciclopédia do Holocausto: Holocausto.** Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>, acesso em 13/06/2016.

<sup>iv</sup> A partir de todas essas mentiras da propaganda antisemita produzida pelos nazistas, Adolf Hitler conseguiu convencer a vasta maioria dos alemães de que havia um “problema judaico” que precisava de uma “solução”. O antissemitismo era, assim, apresentado como algo positivo, parte essencial de um programa minucioso para construir uma nação saudável e poderosa na qual a Comunidade do Povo viveria em harmonia e desfrutaria os benefícios de uma cultura purificada e vibrante. HERF, Jeffrey. **Inimigo judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.** Tradução Walter Solon. – São Paulo: EDIPRO, 2014. p. 21-22.

<sup>v</sup> O jogo em que os judeus foram forçados pelos nazistas a entrar era de vida ou morte e, portanto, a ação racional no caso deles só podia visar ao — e ser medida pelo — aumento das suas chances de escapar à destruição ou de limitar a escala dessa destruição. O mundo de valores estava reduzido a um — sobreviver (ou era pelo menos ofuscado por esse objetivo). Isso está bem claro agora, mas não estava necessariamente claro para as vítimas da época e certamente não nos estágios iniciais da “estrada sinuosa para Auschwitz”. Já sabemos que os próprios nazistas, incluindo seus líderes, não começaram a guerra contra os judeus com uma noção clara de suas conseqüências últimas; a guerra começou com o modesto objetivo da Entfernung, de afastar os judeus da raça alemã e, a longo prazo, tornar a Alemanha *judenrein*; foi no curso, e sob o impacto da perseguição burocrática desse objetivo, que, em algum estágio posterior a destruição física dos judeus tornou-se não só “racional” como também a “solução”, e tecnologicamente factível. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto;** tradução Marcus Penchel — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1998. p. 154-155.

<sup>vi</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Holocausto: Um Local de Aprendizado para Estudantes.** Disponível em: <https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007706>, acesso em 13/06/16.

<sup>vii</sup> O autor relata detalhes de como ocorreu: mandaram-me a Fóssoli, perto de Módena, onde em um grande campo de concentração, anteriormente destinado aos prisioneiros ingleses e americanos, eram reunidas as pessoas pertencentes às várias categorias não gratas ao governo fascista republicano. Quando lá cheguei, em fins de janeiro de 1944, os judeus italianos no campo eram uns cento e cinqüenta. Poucas semanas depois, já

passavam de seiscentos. Eram, em geral, famílias inteiras, detidas pelos fascistas ou pelos nazistas porque lhes faltara prudência ou porque alguém as delatara. Havia também uns poucos que se tinham apresentado espontaneamente, devido ao desespero de continuarem vivendo errantes e fugidios, ou por terem ficado sem recurso algum, ou por não quererem separar-se de um parente já detido, ou ainda, absurdamente, para "ficarem dentro da lei". Havia também uma centena de militares iugoslavos, além de outros estrangeiros considerados politicamente suspeitos. LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução Luigi Dei Re - Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 11-12.

<sup>viii</sup> O anti-semitismo alcançou o seu clímax quando os judeus haviam, de modo análogo, perdido as funções públicas e a influência, e quando nada lhes restava senão sua riqueza. Quando Hitler subiu ao poder, os bancos alemães, onde por mais de cem anos os judeus ocupavam posições chave, já estavam qua-sejudenrein — desjudiaizados —, e os judeus na Alemanha, após longo e contínuo crescimento em posição social e em número, declinavam tão rapidamente que os estatísticos prediziam o seu desaparecimento em poucas décadas. É verdade que as estatísticas não indicam necessariamente processos históricos reais: mas é digno de nota que, para um estatístico, a perseguição e o extermínio dos judeus pelos nazistas pudessem parecer uma insensata aceleração de um processo que provavelmente ocorreria de qualquer modo, em termos da extinção do judaísmo alemão. ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Título original: *The origins of totalitarianism* Renovado 1979 por Mary McCarthy West. Published by arrangement with Harcourt Brace Jovanovich. p. 24

<sup>ix</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Enciclopédia do Holocausto: Holocausto**. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>, acesso em 13/06/16.

<sup>x</sup> Primeira etapa 1922-1938. Objetivo: reduzir os judeus alemães a uma minoria não reconhecida na Alemanha, retirando-lhes todas as condições econômicas, culturais, psicologias de sobrevivência e expulsando-os do país como apátridas. Segunda etapa – 1938-1941: Objetivo: num primeiro momento, impedi-los de deixar a Alemanha para, em seguida, colocar em prática a ideologia eliminacionista. Terceira etapa – 1941-1945: Objetivo: reagrupar os judeus em todos os lugares onde passassem a residir e, com a colaboração dos governos locais, enviá-los aos campos de extermínio. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto: Crime contra a humanidade**. São Paulo: Ática, 2007. p. 36-37.

<sup>xi</sup> Etimologicamente, “anti-semitismo” não é um termo feliz, pois não define bem aquilo a que se refere (no geral, é amplo demais) e erra o verdadeiro alvo das práticas que pretende isolar. (Os nazistas, os praticantes mais dedicados do anti-semitismo na história conhecida, ficaram cada vez mais frios com esse termo, particularmente durante a guerra, quando a clareza semântica do conceito transformou-se em questão política perigosa, uma vez que o termo era ostensivamente aplicado também a alguns dos mais dedicados aliados dos alemães.) Em aplicações práticas, no entanto, a controvérsia semântica foi no geral evitada e o conceito focalizou sem erro o alvo pretendido. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**; tradução por Marcus Penchel — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1998. p. 54.

<sup>xii</sup> O autor reflete que: Dentro de certos limites estabelecidos por questões de poder político e militar, o Estado moderno pode fazer o que bem entende àqueles sob seu controle. Não há limite ético-moral que o Estado não possa transcender para fazer o que quiser, porque não há poder ético-moral mais alto que o Estado. Em matéria de ética e moralidade, a situação do indivíduo no Estado moderno é em princípio rigorosamente equivalente à do prisioneiro em Auschwitz: ou age de acordo com os padrões dominantes de conduta impostos pelos que detêm a autoridade ou se arrisca a todas as conseqüências que eles queiram infligir... BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**; tradução por Marcus Penchel — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1998. p. 109-110.

<sup>xiii</sup> Holocausto é uma palavra assim. Em geral, soa como exagero quando aplicada a algo além do assassinato em massa dos judeus pelos nazistas na Segunda Guerra. Neste livro, porém, seu uso é preciso. Terrivelmente preciso. Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. Tinham sido, a maioria, enfiadas nos vagões de um trem, internadas à força. Quando elas chegaram ao Colônia, suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas. Perderam o nome, foram rebatizadas pelos funcionários, começaram e terminaram ali. Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças. ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. – São Paulo: Geração Editorial, 2013.

<sup>xiv</sup> Embora chegando em onda, em consequência de pressões políticas e econômicas semelhantes, não vêm em grupos organizados. Não são colonizadores que conscientemente planejam transplantar sua cultura para outro lugar. Para o seu bem-estar, reúnem-se em grupos relativamente pequenos, sempre se misturando com outros grupos similares em cidades, estados e regiões. WALZER, Michael. **Da tolerância**. Tradução Almiro Pisetta – São Paulo: Martins Fontes, op. cit., p. 42

---

<sup>xv</sup> De acordo com estimativas das Nações Unidas, mais de 130 mil migrantes e requerentes de asilo tentaram chegar à Europa somente em 2014, em comparação com 80 mil no ano passado. No total, cerca de 800 pessoas já morreram em suas tentativas de atravessar o Mediterrâneo. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/em-meio-ao-aumento-de-mortes-especialista-da-onu-pede-que-paises-europeus-repensem-politicas-migratorias/>, acesso em 07/07/2016.

<sup>xvi</sup> O sucesso dos movimentos totalitários entre as massas significou o fim de duas ilusões dos países democráticos em geral e, em particular, dos Estados-nações europeus e do seu sistema partidário. A primeira foi a ilusão de que o povo, em sua maioria, participava ativamente do governo e todo indivíduo simpatizava com um partido ou outro. Esses movimentos, pelo contrário, demonstraram que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país de governo democrático e que, portanto, uma democracia podia funcionar de acordo com normas que, na verdade, eram aceitas apenas por uma minoria. A segunda ilusão democrática destruída pelos movimentos totalitários foi a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação. Agora, os movimentos totalitários demonstravam que o governo democrático repousava na silenciosa tolerância e aprovação dos setores indiferentes e desarticulados do povo, tanto quanto nas instituições e organizações articuladas e visíveis do país. ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Título original: *The origins of totalitarianism* Renovado 1979 por Mary McCarthy West. Published by arrangement with Harcourt Brace Jovanovich. p. 362.

<sup>xvii</sup> Rawls expõe os princípios de forma análoga a *Uma Teoria de Justiça*, 1977. Defende ainda, que existem outros princípios a serem acrescentados. Seguem-se os princípios tradicionais: 1. Os povos são livres e independentes, e sua liberdade e independência devem ser respeitadas por outros povos. 2. Os povos devem observar tratados e compromissos. 3. Os povos são iguais e são partes em acordos que os obrigam. 4. Os povos sujeitam-se ao dever de não-intervenção. 5. Os povos têm o direito de autodefesa, mas nenhum direito de instigar a guerra por outras razões que não a autodefesa. 6. Os povos devem honrar os direitos humanos. 7. Os povos devem observar certas restrições especificadas na conduta da guerra. 8. Os povos têm o dever de assistir a outros povos vivendo sob condições desfavoráveis que os impeçam de ter um regime político e social justo ou decente. RAWLS, John. **O direito dos povos**; Tradução por Luíz Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 47-48.